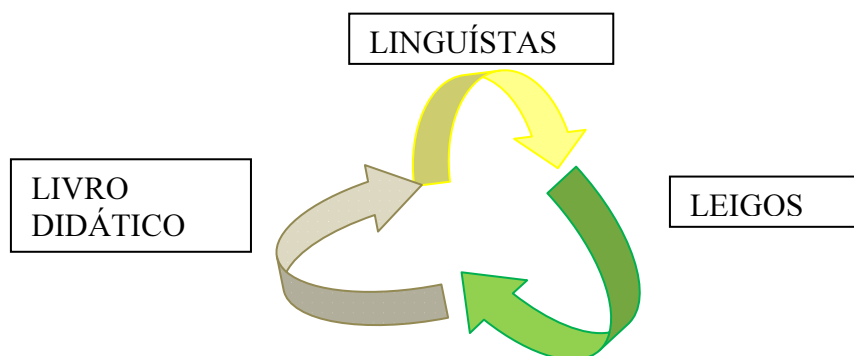




Universidade de Brasília
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

O ELO DA DISCÓRDIA:

A POLÊMICA DO LIVRO DIDÁTICO DO PNLD EJA 2011



Bruna Carvalho de Medeiros

BRASÍLIA 2012



Universidade de Brasília
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

O ELO DA DISCÓRDIA:

A POLÊMICA DO LIVRO DIDÁTICO DO PNLD EJA 2011

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da Graduação em Letras – Português do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profª. Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues.

ORIENTADORA: Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA 2012

A minha filha Laura,
por me permitir conhecer o amor incondicional.
Obrigado por fazer parte do meu mundo!

Agradecimentos

Primeiramente a Deus que foi e sempre será o meu porto segura, razão da vida e sem o qual eu não teria forças para chegar ao final dessa pequena jornada. Sim, sem vergonha de dizer, agradeço hoje ao cara lá de cima, por toda a coragem para superar desafios, quebrar barreiras e chegar até o final.

Aos meus pais, Lauro Soares de Medeiros e Francisca Maria de Carvalho, vocês são os responsáveis por cada degrau alcançado e por todo o sucesso obtido ao longo dos anos. Mãe, você durante todos esses anos foi exemplo de determinação, fé, coragem e perseverança, com você aprendi a não desistir diante do primeiro obstáculo encontrado.

Aos meus irmãos Francisco Flávio de Carvalho e João Luis de Carvalho Neto e minha família de modo geral, obrigada por estarem sempre comigo, obrigada por simplesmente acreditarem em mim e participarem comigo dessa jornada, vocês são o meu porto seguro aqui na terra.

À Sílvia Torres, Joana D'arc, Fátima e Maria Lúcia, obrigada por acreditarem no meu sucesso profissional e por terem participado comigo durante essa caminhada me ajudando a construir alicerces de um futuro que começa agora, após cinco longos anos dedicados a uma paixão que surgiu na infância.

À minhas madrinhas Maria Luiza e Maria Dalva, obrigada por investirem na minha educação. Obrigada por acreditar que este sonho que sonhamos juntas valeria à pena. Obrigada por ter acreditado no meu potencial!

Aos meus amigos, alguns de perto, outros nem tanto, aos antigos, aos novos, mas somente a todos aqueles verdadeiros que não preciso citar os nomes, pois o nosso sentimento certamente fala mais alto, obrigado por passarem pelo meu caminho. Cada um, que passa em nossa vida deixa um pouco de si e leva um pouco de nós. Obrigada por construírem comigo grande parte do que sou hoje.

A um grande amigo em especial, você mesmo Hércules César, obrigada por estar comigo ao longo dessa caminhada, você certamente foi muito mais que um amigo, mais sim um irmão, obrigado pelas broncas, por todo carinho e atenção.

A Quintino dos Santos, pelo maior presente de toda minha vida.

Aos meus alunos e eternos amigos e colegas de profissão, um professor não nasce pronto, sempre está disposto a aprender, obrigado por compartilharem comigo suas manhãs e tardes e porque não, partes da sua vida. Obrigada por confiarem e por construirmos juntos um grande aprendizado.

A Universidade de Brasília e a todos os meus professores, obrigada por dividirem comigo o seu conhecimento, não somente intelectual, mas aquele no qual levarei ao longo dos meus dias. Vocês me ensinaram direta e indiretamente lições para toda uma vida.

A minha filha, Laura Carvalho, apesar do seu pouco tempo de vida, você me ensinou o significado do amor incondicional, obrigada por no longo do último ano ter me acompanhado incessantemente ensinando sempre que a felicidade está nos pequenos atos.

A mestre e amiga, Professora Ulisdete Rodrigues. Dentro de um ambiente onde muitos se colocam numa posição de semi-deuses, você foi. Você nunca teve pena em dividir o conhecimento que tem, se preocupando até em ser sobretudo humana, durante os pequenos problemas pessoais pelos quais passei durante a execução deste trabalho. Você é um dos grandes exemplos que levo no peito. Obrigada por contribuir com tantos ensinamentos, tanto conhecimento, tantas palavras de ânimo, força e ajuda. Carrego tudo isso comigo, juntamente com seu exemplo. Espero um dia conseguir chegar a seu nível.

E a você leitor, que conseguiu chegar até aqui, o meu singelo muito obrigada.

O ELO DA DISCÓRDIA: A POLÊMICA DO LIVRO DIDÁTICO DO PNLD 2011

Bruna Carvalho de Medeiros¹

RESUMO: Este artigo propõe uma análise, na perspectiva sociolinguística, da polêmica ocorrida no ano de 2011 envolvendo o livro didático adotado pelo PNLD Eja 2011, jornalistas, linguístas e leigos em geral. O objetivo é discorrer sobre os principais aspectos da polêmica e como essa polêmica refletiu em sala de aula. Fruto de uma pesquisa documental e de campo, este estudo procura reunir conceitos fundamentais da Linguística, da Sociolinguística, estudos realizados pelo Ministério da educação, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, e o saber dos leigos acerca do tema. A conclusão alcançada é a de que foi dado o primeiro passo e que o advento da polêmica colaborou no desencadeamento do ensino da variação linguística dentro da sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística, Polêmica, Livro Didático.

ABSTRACT: This article proposes an analysis in the sociolinguistics perspective, of the polemic occurred in 2011 involving the didactic book adopted by PNLD EJA 2011, journalists, linguists and laypeople in general. The purpose is to discuss the main aspects of the polemic and this polemic as reflected in the classroom. Result of a documentary and field research, this study seeks to gather the fundamental concepts of linguistics, Sociolinguistics, studies conducted by the Ministry of Education as the National Curriculum, and knowledge of laymen on the subject. The conclusion reached is that the first step was done and the advent of the controversy helped in the onset of linguistics variation teaching into the classroom.

KEYWORDS: Sociolinguistics, Polemic, Textbook.

¹ Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade de Brasília(UnB) e professora do Centro Educacional Brasil Central e do Colégio Maxwell (DF).

I. INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que nenhuma língua é homogênea, a Sociolinguística é uma área de estudo que pretende estudar não somente a língua como um dado isolado, mas, ao contrário, pretende analisar a língua em seu contexto social, em situações realmente vivenciadas. Essa corrente da linguística preconiza que, assim como a sociedade apresenta diferenças em sua estrutura social, também a língua refletirá a estrutura organizacional interna de seus falantes.

As diferenças presentes nos falares dos usuários de uma língua são conhecidas como variação linguística. Como expoente da variação linguística observada nos falares do Brasil, podemos destacar a diferença entre os falares de Brasil e Portugal. Porém, a variação linguística não é justificada apenas pelo fato histórico, que por si só, leva a transformações dentro da estrutura linguística. A variação linguística é influenciada, também, pelas diferenças regionais, sociais, educacionais, e econômicas dos falantes.

Diante da questão da variação linguística temos o preconceito linguístico sustentado por aqueles que acreditam que a norma padrão seja a única a reger a nossa língua, categorizando e taxando como errado tudo aquilo que foge aos padrões descritos pela gramática normativa, mesmo que muitas das formas estipuladas pela gramática normativa estejam longe do que está em uso, hoje, pelos falantes do português brasileiro.

Diante disso, o tema de estudo deste projeto será a polêmica surgida no primeiro semestre de 2011, em que nos deparamos com uma discórdia que confrontava leigos e linguistas e cujo tema central era o livro didático de Língua Portuguesa adotado pelo MEC (Ministério da Educação) intitulado “ Por uma vida melhor”, da coleção: Viver, aprender, que, segundo jornalistas e leigos em geral, ensinava o aluno a falar errado.

A grande discórdia entre leigos e linguistas teve seu início pois a afirmação feita pelos jornalistas ignorava anos de pesquisa linguística e de um trabalho que vem sendo desenvolvido em combate ao preconceito linguístico, deixando de lado, ainda, todo o trabalho realizado pelo MEC com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental e médio) e o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático).

Analisando as reportagens vídeos e realizando pesquisas a respeito do tema, a idéia deste trabalho ganhou força e motivação para ser realizada, tendo como foco principal o modo como a ciência Sociolinguística vem sendo trabalhada fora dos portões do mundo universitário. A partir da polêmica suscitada na mídia, pretende-se analisar até que ponto a

sociedade está aceitando e tendo contato com a noção de variação linguística nos livros didáticos ao invés da simples e equivocada noção de erro.

A escolha do livro didático polêmico justifica-se pelo fato de que linguagem e aspectos sociais estão intrinsecamente relacionados. E a Sociolinguística, principalmente se aplicada dentro do ambiente escolar, é um forte instrumento de luta contra o preconceito lingüístico e conseqüentemente um instrumento de batalha contra o preconceito social e a favor da democracia direito instituído pela Constituição Federal e assegurado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

No âmbito da presente polêmica, então, hipotetiza-se que muito vem sendo discutido, porém, a grande massa populacional ainda baseia seus julgamentos nos preceitos normativistas e valores da gramática tradicional. Por isso, neste estudo, pretende-se analisar como a cidadão comum, os linguístas e os jornalistas analisam a questão do erro e da variação linguística.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção que tratará dos fundamentos teóricos do atual estudo, os itens foram organizados de modo a contemplar (i) a sociolinguística como ciência, (ii) a noção de erro no senso comum, na gramática e na Sociolinguística e (iii) os Parâmetros Curriculares: surgimento, objetivo, alterações nas concepções anteriores.

2.1. A SOCIOLINGÜÍSTICA COMO CIÊNCIA

A afirmação de que “o homem é um ser social” tem sido repetida desde Aristóteles e, acredita-se, não há nada mais verdadeiro do que ela. Sendo o homem um ser social, apresenta uma profunda necessidade de comunicação, por isso, nada mais comum que desde os primórdios, estudiosos da linguagem tentem encontrar respostas para entender a sociedade e as formas de comunicação que ela tenta estabelecer, seja de forma oral ou escrita. Vários estudiosos têm se debruçado sobre as questões da linguagem, como Saussure (1916), Chomsky (1957), Labov (1963), dentre outros.

O marco inicial de um novo modelo de investigação linguística foi dado em 1916, com a publicação póstuma do livro *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure. Conforme essa publicação, o linguísta teria como papel fundamental descrever os fenômenos regulares que ele encontra no comportamento linguístico dos falantes. Ainda consoante ao autor, seu

papel seria somente descrever o objeto, pois quem julga e regulamente comportamentos, foge ao método científico.

A partir de William Bright (1966) e Fishman (1972), os linguístas começaram a levar em consideração as variantes sociais em suas descrições linguísticas. De acordo com Bright, "a diversidade linguística" é precisamente a matéria de que trata a Sociolinguística. Segundo ele, as dimensões desse estudo estão condicionadas a vários fatores sociais, com os quais a diversidade linguística se encontra relacionada nas identidades sociais do emissor e receptor e na situação comunicativa.

Labov prosseguiu com esses estudos. Para ele todo fato lingüístico tem uma relação a um fato social, e ainda acrescenta que esse mesmo fato lingüístico sofre implicações de natureza fisiológica e psicológica. A Teoria da Variação Linguística tem Labov como o seu principal fundador e representante.

Com o decorrer desses estudos, foi se percebendo que a língua passou, passa e passará por diversas modificações em sua trajetória. A variação linguística portanto acontece em todos os níveis de realização linguística, ocorrendo em função do emissor e do receptor, e sendo levado em consideração, como diria Marcos Bagno(1961,p.13-19), fatores como: idade, sexo, classe social, profissão, grau educacional, dentre outros. Sendo assim, a principal função dessa corrente de estudos seria mostrar a variação sistemática linguística da estrutura social e seu estreito relacionamento em uma direção ou outra.

Em 1994, Fernando Tarallo, em Pesquisa Sociolinguística, nos mostra que as variedades linguísticas podem ser descritas e mapeadas com base em uma metodologia da linguagem que subsidie o trabalho do linguísta. Assim, a Sociolinguística estudaria as relações entre as variações linguísticas e as variações sociológicas, sendo que o contexto em que a fala foi emitida não seria desprezado. Em vista disso ele afirma que a língua pode ser um identificador de usuários e grupos, podendo, também, desencadear diferenças sociais dentro de uma comunidade na qual hajam falares diferentes.

2.2. A NOÇÃO DE ERRO NO SENSO COMUM, NA GRAMÁTICA E NA SOCIOLINGÜÍSTICA

A noção de erro tem, assim como todas as outras concepções de certo e errado que conhecemos, a sua base em visões de mundo, juízos de valor, crenças culturais e ideológicas, que podem mudar com o passar do tempo, assim como já ocorreu em diversos setores de nossa sociedade como, por exemplo, na questão do trabalho infantil.

No que diz respeito à língua, a noção de erro surgiu no século IIIa.c. na cidade de Alexandria, Egito, o maior centro da cultura grega da época. Retomando a história, de acordo com Bagno (2006), ao longo de sua jornada, Alexandre III, mais conhecido como Alexandre o grande, fundou várias cidades, todas com o nome de Alexandria, porém, como a língua grega tinha se tornado o idioma internacional dentro do seu grande império, surgiu a necessidade de se normatizar essa língua. Sendo assim, Alexandre III, convocou os filólogos, sábios funcionários de sua biblioteca para o fazerem. Surge, então, o que conhecemos como Gramática Tradicional, um conjunto de normas acerca da linguagem e da língua, uma abordagem não científica combinando instituições filosóficas e preconceitos sociais. Tudo o que estava em desacordo com essas normas seria considerado um erro.

Há mais de um século, os linguístas vêm tentando modificar este quadro. Assim como em qualquer outra ciência, a Sociolinguística não trabalha com a dicotomia do certo/errado. Os linguístas através de um trabalho investigativo conseguiram elaborar um material essencial para a descrição e explicação das línguas humanas. Baseados nas constatações de que as línguas mudam com o tempo, eles argumentam que as formas linguísticas podem ganhar ou perder prestígio, desaparecer ou, até mesmo, ser substituídas, como por exemplo, o que aconteceu com o latim.

2.3. OS PARÂMETROS CURRICULARES: SURGIMENTO, OBJETIVO, ALTERAÇÕES NAS CONCEPÇÕES ANTERIORES

Até dezembro de 1996, o ensino fundamental esteve baseado nos termos previstos pela Lei Federal n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, até que, em 1997 surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais. Ao definir as diretrizes e bases da educação, essa lei estabeleceu como objetivos gerais, para o ensino fundamental e médio, que fosse proporcionado aos educandos a formação necessária para que eles pudessem desenvolver as suas potencialidades como um todo, de um modo a exercer, futuramente, o completo uso consciente do exercício da cidadania.

Analisando o trecho dos Parâmetros Curriculares no que diz respeito à educação em língua materna, entende-se que eles nos apresentam uma nova forma de ensinar a Língua Portuguesa, baseada e amparada pela Sociolinguística em conceitos de adequação e inadequação, sem expor ou ridicularizar os alunos. Desse modo, podemos afirmar que, desde 1997, uma educação embasada somente nos conceitos tradicionais da gramática, que não leva o aluno a compreender sua língua, mas somente a decorar regras e desconhecê-la em seu uso, encontra-se ultrapassada e não mais recomendada pelos livros didáticos.

III. METODOLOGIA

A metodologia aplicada ao desenvolvimento do atual estudo embasou-se na pesquisa documental, em que foram analisados textos, reportagens, entrevistas, vídeos, imagens sobre a polêmica, sem deixar de lado o contexto histórico e sócio-político em que a polêmica ocorreu. Atrelada à pesquisa documental, foi realizado um *survey* para que, após análise do resultado, pudesse ser analisado o que está acontecendo após o estouro da polêmica.

O *survey* aplicado teve como base a pesquisa estruturada, onde os participantes responderam a um questionário com questões subjetivas e objetivas acerca dos seus conhecimentos escolares ou gramaticais da Língua Portuguesa, além dos conceitos de variação linguística e adequação e inadequação da linguagem.

A pesquisa foi realizada na cidade de Brasília, DF, no período de dezembro de 2011 a março de 2012 e contou com a participação de 50 voluntários, homens e mulheres com diferentes níveis de escolaridade, idade, profissões e advindos de diferentes classes sociais. Foi realizada, ainda, uma entrevista com professores e alunos de diferentes escolas particulares do Distrito Federal para saber o que estava acontecendo dentro das salas de aula, com a finalidade de investigar o real estado de coisas após a polêmica.

IV. A ANÁLISE DA POLÊMICA

Desde a implantação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), vem acontecendo em nosso País uma transformação radical na cultura do livro didático. Vencida a resistência de muitos autores e editoras contra uma nova filosofia de ensino-aprendizagem, podemos dizer que temos, hoje, no Brasil, livros didáticos de uma qualidade maior do que os que eram produzidos antigamente. Alguns conceitos fundamentais, no que diz respeito à educação em Língua Materna foram incorporados, como é o caso dos conceitos de letramento, gênero textual, coesão e coerência, oralidade, dentre outros. Porém, ainda estamos longe do que podemos chamar de perfeição.

Um dos motivos dessa abordagem é que, somente assim, os estudantes provenientes das classes menos favorecidas poderão se reconhecer no material didático, deixando assim, de ser alvo de zombaria e preconceito. Mas, infelizmente, quando o tema a ser tratado é a variação linguística, ainda temos muito o que incorporar, talvez pelo fato de termos uma defasagem na divulgação dos conceitos básicos da Sociolinguística.

Havendo a defasagem e a quase inexistência de divulgação desses conceitos menos tradicionais e mais científicos, deparamo-nos com os seguintes problemas:

- Jornalistas, comunicadores em geral, agentes educacionais, autores de materiais didáticos, formuladores de políticas públicas, incorporam, distorcem e repetem, como argumentos de autoridades científicas, conceitos e análises equivocadas, como por exemplo: o uso de norma-padrão e norma culta como sinônimos;
- a confusão que se faz com o uso dos termos, língua, variedade, dialeto padrão, quando o correto seria norma-padrão;
- a equiparação de língua informal a oralidade e língua formal a escrita, quando, na verdade, essa “formalidade” é apresentada em ambos aspectos, orais e escritos.

Essas repercussões, quando transpassam o mundo acadêmico e seguem em direção ao grande público de nossa sociedade, implantados geralmente através da mídia, geram distorções maiores e mais graves, afetando principalmente o ambiente escolar, com afirmações como:

- “Os linguístas recomendam jogar no lixo todas as gramáticas e dicionários!”
- “Os linguístas são favoráveis ao vale-tudo da língua!”

E nos encontramos em pleno século XXI com uma polêmica decorrida de conceitos defasados que foram incorporados pela grande massa em relação ao livro didático. Em meados do mês de maio do ano de 2011, nos surge a seguinte manchete no site do portal IG. “Livro usado pelo MEC ensina aluno a falar errado.”

Segundo a reportagem, acima citada, o livro adotado pelo PNLD Eja 2011, mostraria ao aluno que não há a necessidade de seguir a norma culta² para a regra da concordância. O que motivou esse título a reportagem foi o fato de o livro apresentar, na página 17, as três seguintes frases em seu primeiro capítulo.

- “Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado”;
- “Nós pega o peixe”;
- “Os menino pega o peixe”.

² Repare aqui o uso errôneo dos termos norma culta e norma padrão como sinônimos.

A autora da reportagem questiona sobre o que frases como essas estariam fazendo em um livro didático de Língua Portuguesa.

O livro, apenas, descreve o fenômeno que ocorre na variedade de popular, depois de demonstrar o que ocorre na variedade de prestígio, em nenhum momento referindo-se à noção de erro. Marcos Bagno (2011, p. 01), em uma carta relacionada à polêmica, apresenta sua opinião acerca do assunto:

Da mesma forma, nenhum linguista sério, brasileiro ou estrangeiro, jamais disse ou escreveu que os estudantes usuários de variedades linguísticas mais distantes das normas urbanas de prestígio deveriam permanecer ali, fechados em sua comunidade, em sua cultura e em sua língua. O que esses profissionais vêm tentando fazer as pessoas entenderem é que defender uma coisa não significa automaticamente combater a outra. Defender o respeito à variedade linguística dos estudantes não significa que não cabe à escola introduzi-los ao mundo da cultura letrada e aos discursos que ela aciona. Cabe à escola ensinar aos alunos o que eles não sabem! Parece óbvio, mas é preciso repetir isso a todo momento.

Minutos após a reportagem ter sido publicada no portal, houve uma série de manifestações em uma rede social conhecida como *twitter*, em que pessoas valendo-se apenas do senso comum, após terem acesso somente ao teor da reportagem e a maioria sem ter verificado o conteúdo do livro didático, divulgaram mais ainda a notícia do suposto erro praticado pela autora do livro.

Depois disso, diversos programas como o Jornal Nacional e revistas de circulação em massa tiveram palestras e debates sobre o erro veiculado pelo livro, como apresentado abaixo:

Inguinorância

Não, leitor, o título acima não está errado, segundo os padrões educacionais agora adotados pelo mal chamado Ministério de Educação. Você deve ter visto que o MEC deu aval a um livro que se diz didático no qual se ensina que falar "os livro" pode. Não pode, não, está errado, é ignorância, pura ignorância, má formação educacional, preguiça do educador em corrigir erros. Afinal, é muito mais difícil ensinar o certo do que aceitar o errado com o qual o aluno chega à escola. [...]

(Clóvis Rossi.Folha de S.Paulo, 15 mai 2011.)

Achei um despautério essa proposta que está contida nesse livro, e acho que a melhor coisa que o MEC faria seria recolher os livros e voltar com outro caminho.

Esse caminho não dá, está equivocado!... É isso que eu acho e a Academia Brasileira de Letras pensa igual, pela unanimidade dos seus membros.

(Marcos Villaça, presidente da Academia Brasileira de Letras)

Há um aspecto perverso nessa crise do livro didático de português, que o MEC insiste em manter em circulação, que ultrapassa qualquer medida do bom-senso de um governo, qualquer governo. A pretexto de defender a fala popular como alternativa válida à norma culta do português, o Ministério da Educação está estimulando os alunos brasileiros a cultivarem seus erros, que terão efeito direto na sua vida na sociedade e nos resultados de exames, nacionais e internacionais, que avaliam a situação de aprendizado dos alunos, debilitando mais ainda a competitividade do país. [...]

(Merval Pereira, O Globo, 17 mai 2011)

O fato que chamou a atenção dos linguístas inicialmente foi o de que os críticos se ancoravam sempre nas três frases expostas acima, sem um cuidado maior de analisar o livro mais profundamente, sem o cuidado em visualizar e analisar a quem o livro é direcionado, pois, sendo um livro destinado a Educação de Jovens e Adultos (EJA), é necessário que se tenha como o seu ponto de partida a fala do aluno para aproximar o conteúdo abordado a sua realidade. O livro em questão adota as recomendações dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) acerca do ensino de língua materna.

Em nenhum momento no decorrer do livro foi citado que a norma padrão não deveria ser ensinada, pelo contrário, o livro, assim como outros que também tratam do tema “variação linguística”, tem por objetivo ressaltar a importância do uso da adequação da norma culta, o que pode ser justificado pelo fato de que a língua está associada ao poder e representa uma forma de ascensão social. Até porque, uma das justificativas plausíveis para o ensino de Língua Materna dentro do ambiente escolar seria o domínio da norma culta para os estudantes exercerem seus direitos e deveres, como garante a constituição, e assim, garantirem o pleno exercício da cidadania.

Porém, o que pudemos assistir na nossa mídia brasileira não foi bem isso. Assistimos ao *Jornal nacional*, programa veiculado pela rede Globo de televisão, colocar uma das autoras do livro acima referido em uma posição humilhante, tendo que justificar o fato de ter usado da Sociolinguística dentro de um livro didático, sendo que este assunto vem sendo estudado a mais de dez anos na academia.

E como Marcos Bagno (2011) comenta, a partir do momento em que essas informações distorcidas chegam à grande mídia, temos uma distorção cada vez maior, afetando o ambiente escolar e aqueles que ali estão relacionados. Foi a isso que assistimos, quando vimos o jornalista Clovis Rossi afirmar que a língua que ele julga correta é uma “evolução para que as pessoas pudessem se comunicar de uma maneira que umas entendam perfeitamente as outras” e que os professores têm o baixo salário justificado por “preguiça de ensinar”. Uma semana depois, vimos Amauri Segalla e Bruna Cavalcanti narrarem um drama em que um aluno teria aprendido uma construção errada de sua língua, e afirmarem que o material “vai condenar esses jovens a uma escuridão cultural sem precedentes”.³

Após análise, percebe-se que a mídia e grande parte da massa populacional não consultou o livro em seu conteúdo, mas apenas repetiu o que estava sendo veiculado na internet e na mídia televisiva. Depois disso, pode-se constatar que:

- Questões como o uso dos pronomes ou o uso da regência após verbos como *assistir* não são mais considerados erros pelos falantes da Língua Portuguesa, pelo fato de estarem incorporados à língua, como por exemplo na frase: “*Assisti ao filme*”. Porém, a questão do plural ainda é bem marcada quanto a noção de erro pelos falantes, como por exemplo, na frase: “*Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado.*”
- Em relação ao termos técnicos, somente os mais jovens relacionados à área educacional ou com maior grau de escolarização conhecem ou ousam comentar algo sobre os conceitos de variação linguística, adequação ou inadequação da linguagem.
- As pessoas com mais idade e com menor grau de escolarização reconhecem as formas que falam como variantes da Língua Portuguesa, porém não julgam a sua língua como “correta”.
- Somente as pessoas do curso de letras ou professores de Língua Portuguesa se lembraram da polêmica, sendo que para a maior parte do quantitativo analisado, o tema já havia caído no esquecimento.

Analisando nas redes sociais⁴, em reportagens que tratam sobre o assunto e em vídeos publicados no *youtube* que trazem entrevistas a respeito do assunto, percebemos que grande

³ Discurso dos alunos formandos da USP, adaptado.

parte da população ainda trás a sua concepção de língua associada a da gramática tradicional, onde temos a noção de certo e errado, podemos visualizar claramente isso através de *posts* tais quais os abaixo mencionados:

Rasguemos os livros de gramática e de ortografia... Dá menos trabalho aprender e passemos a usar os dialetos das nossas novas tribos urbanas. E viva a nova "crace çossial" dus letradus do bolça ismola!afinal, iscola inziste prá gente bater um no outro, filmar com o cerular e botá no iutubi... Que tal Alcilene Braga, Francisca Muniz, Auxiliadora Martins? (Lourdes Alves)

Uma vergonha,por isto as redações são tão 'peculiares'... (Suely Occhi)

Desculpem a minha intromissão nessa discussão, mas essa "adequação" linguística me parece mais uma tentativa de legitimar a baixa escolaridade por falta de investimento sério em educação do que, propriamente, evolução natural da forma de comunicação. (Fernando Bartholo)

Enquanto pessoas que tiveram acesso a estudos da Sociolinguística e entendem a variação linguística a defendem com publicações como:

Entretanto, trabalhar com variações linguísticas não significa deixar de ensinar a "norma padrão". O papel da escola na dinâmica de ensino e aprendizagem é mediar seu conhecimento relacionando a norma padrão(gramática) e as variações linguísticas no estudo da língua. Uma reflexão sobre as variações linguísticas considera as transformações sócio-culturais da língua e proporciona o estudo desta linguagem constatando as diversas manifestações da fala e da escrita, sabendo usá-las no exercício da comunicação.(Marcia Maria Pirchiner)

Infelizmente, enquanto em tantas outras ciências a evolução é compreendida e aceita pela comunidade, nas ciências da linguagem, a tradição normativa, excludente, sem coerência é mantida como máquina de manobra da burguesia. (Cláudio Pires)

Observando, ainda, uma pesquisa de Marcos Bagno (2011,p.1) a respeito do assunto temos que:

No entanto, quando o assunto é *gramática* ou, como prefere a terminologia adotada pelos programas oficiais, os *conhecimentos linguísticos*, tudo parece imobilizado no tempo e no espaço. Analisando as 24 coleções aprovadas pelo PNLD 2008, verificamos que 75% delas ainda se apegam à crença de que é preciso “ensinar

gramática” no ensino fundamental, apesar das estatísticas que confirmam que é também de 75% o percentual da população brasileira que pode ser considerado funcionalmente analfabeto. Esse “ensino de gramática” se faz de maneira acrítica, num apego à tradição normativa e totalmente de costas para a realidade do português brasileiro culto contemporâneo. A maioria dos livros didáticos tenta prescrever uma “norma culta” que não corresponde em nada à língua verdadeiramente falada e escrita pelos brasileiros urbanos mais letrados. Por isso, também, o tratamento dado à variação linguística é paradoxal, incoerente e contraditório, pois o apelo ao “respeito” pelas variedades regionais e sociais é mero pretexto para, ao fim e ao cabo, insistir na preservação de um padrão linguístico anacrônico, que não corresponde nem mesmo aos usos dos melhores escritores contemporâneos.

O que os linguístas, autores do livro e estudantes da área pretendem com o tema não é de forma alguma defender o falar “errado”, mas, sim, desmitificar esse erro e substituí-lo pela noção do que é adequado ou inadequado para cada contexto de uso da língua. Noção essa, assegurada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (p.21) , como podemos perceber na citação abaixo:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Isso deve-se ao fato de que, assim como todas as outras ciências humanas, não podemos admitir superioridade de uma variante em relação a outra. Ao afirmar, como disseram os meios de comunicação, que a maior parte da população com baixa renda e escolaridade fala errado, deixa-se subentendido que a linguagem utilizada pela maior parcela da população brasileira é inferior a dos de maior escolaridade e poder aquisitivo e isso não pode ser aceito deliberadamente, como constou na ideia veiculada pelos meios de comunicação.

Como diria Possenti (1984, pp.31-39):

E é preciso dizer com todas as letras que todas as variedades são boas e corretas, e que funcionam segundo regras tão rígidas quanto se imagina que são as regras da "língua clássica dos melhores autores". As variedades não são, pois, erros, mas diferenças.

Não existe erro lingüístico. O que há são inadequações de linguagem, que consistem não no uso de uma variedade, ao invés de outra, mas no uso de uma variedade ao invés de outra numa situação em que as regras sociais não abonam aquela forma de fala. Assim, é tão inadequado (não errado) dizer-se "Vossa Senhoria quer fazer o obséquio de me passar o sal" numa refeição em família, quanto dizer-se "Ô, meu chapa, qué fazê o favor de demiti o Ministro X que ninguém mais tem saco pra guentá ele?" ao Presidente da República numa reunião do Ministério. Mas não se diga que esta última frase está errada. Ela é uma frase do português, tem regras próprias. Nos exemplos, trata-se apenas de gafes análogas a ir à praia de smoking ou a um jantar formal de bermudas. O "erro", portanto, se dá sempre em relação à avaliação do valor social das expressões, não em relação às expressões mesmas. Não fosse assim, seria como considerar mal acabado um colete por não ter mangas.

Partindo para a análise da influência da polêmica dentro das salas da aula de três escolas particulares do distrito federal, colhemos a opinião de alunos e professores e temos a seguinte realidade:

- Conversando com Jorge e Michele, professores de duas escolas particulares diferentes, deparamo-nos com a realidade de que o conteúdo relativo a variação linguística não é trabalhando no ensino fundamental, portanto os alunos não tem o conhecimento didático a respeito do tema. Aliás, um dos professores acima citados desconhecia a polêmica até aquele momento.
- Conversando com professores e alunos do ensino médio de duas escolas particulares de taguatinga,DF, temos a seguinte realidade, segundo a professora Késia, o livro didático adotado pela instituição traz um capítulo tratando do tema variação linguística, sendo assim, os alunos tem o conhecimento acerca do tema. Questionados em sala a respeito da polêmica, os alunos, apesar de acanhados, souberam argumentar satisfatoriamente a respeito do tema.

Partindo para outra escola particular de ensino médio, também de Taguatinga, temos que essa escola utiliza um material próprio, produzido pelos seus professores, por ser uma escola que era um cursinho preparatório para vestibulares. Temos, então, conforme depoimento dos alunos que aqui, dependendo do professor o assunto é ou não trabalhado em sala. Os alunos, porém, atentos ao assunto por causa do vestibular, dominam o tema, como pode ser observado no texto abaixo:

o conteúdo é pouquíssimo abordado nas salas, pois não são todos os professores que inclui o assunto em suas aulas, mesmo sendo pouco abordado o pouco que é exposto aos alunos já faz diferença, pois além de adquirirem um conhecimento importante a mais passam a respeitar a variação linguística; para ser bem franca dentre os três professores que havia em minha escola só vi apenas uma professora comentar e se aprofundar nesse tema (um pequeno detalhe: e infelizmente não foi na minha sala).

Segundo os linguístas, toda essa polêmica serviu apenas para mostrar que a mídia e a grande massa brasileira ainda têm o seu conceito sobre língua fundado na gramática tradicional. Pode ser percebido que a grande maioria das pessoas, inclusive com um razoável capital intelectual, ao opinar a respeito da variação linguística, deixa de lado o discurso científico, embasado pela Sociolinguística e por programas como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, PCNEM, PCN+) e Orientações Curriculares Nacionais (OCN), dentre outros, para amparar o seu discurso na tradição gramatical e no senso comum.

Vejamos a fala abaixo:

Perguntinha básica para o MEC, mais uma vez centro dessa polêmica que revela o rebaixamento de seus quadros, em sua maioria ali chegados por indicação partidária, e não por mérito: se os alunos podem continuar a falar e a escrever "os livro", "nós vai" etc., o que é que eles e os professores estão fazendo na escola? [...]

Deveríamos todos ter sido alunos dessa professora, autora do livro *Por uma vida melhor*, que integra uma coleção chamada "Viver, Aprender", e foi adotado pelo Ministério da Educação? Ou temos que respeitar quem pensa diferentemente dela, ao lado de professores como Sérgio Nogueira, Cláudio Moreno e Evanildo Bechara, entre outros?

[...] E ainda não tínhamos chegado ao Armagedon de *Os Sertões*, quando até os primeiros da classe se achariam analfabetos completos diante do estilo e das palavras do autor que tinha sido morto pelo amante da própria mulher. Um dos nossos foi ainda mais catastrófico: "Já pensou se ele sobrevivesse? Morreu aos 43 anos e já escrevia assim! Aos sessenta, usaria todo o dicionário e mais um pouco. Bom, dele só sei que nasceu em Cantagalo e morreu no Rio". Coitado daquele colega. Não gostava de literatura nem de mulher. E não pôde esperar o voto do STF consagrando o que ele mais praticava, a homoafetividade que naqueles tempos tinha sua designação resumida ao nome de um animalzinho muito querido, o Bambi, que ainda não saltitava nas savanas do Discovery, apenas nos quadrinhos de Walt Disney.

[...] Pois é. Os tempos e os costumes brasileiros nos levaram a esses descabros, mas convém olhar todo o panorama. A polêmica, conquanto incendiária, dá conta de apenas um aspecto de nosso fracasso educacional. Muitos outros temas e problemas

continuam encobertos e é por isso que é estratégico dar um jeito de controlar a mídia, do contrário vamos acabar sabendo de tudo! E ficaremos ainda mais espantados! (Deonísio da Silva, Observatório da Imprensa, nº 542, 17 mai 2011)

Como diria o linguísta Sirio Possenti (2008, p.21), “ouvir um comentário de um intelectual ou de um jogador de futebol sobre a questão da língua é exatamente a mesma coisa”

Após o silenciamento da polêmica, o que ficou para nossa história foi a publicação de estudos linguísticos. Temos, por exemplo, como resultado do fruto do estudo desta polêmica o lançamento da “Gramática Pedagógica do Português Brasileiro”, por Marcos Bagno, gramática cujo grande parte do levantamento foi realizado no Distrito Federal, voltado para o ensino de língua para professores de curso superior. Essa gramática rompe com certas tradições gramaticais e tem como foco o português como é falado hoje, sendo assim, muitas coisas que a tradição gramatical considera certas ou erradas tornam-se legítimas e autorizadas por já fazerem parte do português brasileiro.

Para a grande massa populacional, a polêmica ficou esquecida voltando-se agora, os olhares para o novo acordo ortográfico que começa a vigorar a partir desse ano. Para os alunos e professores atuais, a polêmica entra com maior vigor dentro das salas de aulas, sendo abordada mais fervorosamente no nível médio tanto pelo fato de o livro didático abordar a tematica quanto pelo questionamento dos próprios alunos acerca do tema.

V. CONCLUSÃO:

Após estudar as reportagens, defesas de jornalistas e linguístas a respeito da polêmica, de verificar e consultar provas, trabalhos realizados nas escolas e de aplicar um questionário a respeito do tema, conclui-se que muito tem sido feito por parte da academia para que esses valores sejam incorporados a grande massa. Porém, o que a ocorre é que a grande massa intelectual, sejam eles os jornalistas, os pais de alunos ou os próprios alunos dos níveis fundamentais e médios, ainda, têm grande parte do seu discurso baseado na gramática tradicional sendo que o advento dessa polêmica serviu para dar um novo vigor a maneira como o assunto vem sendo abordado dentro das salas de aulas brasileiras.

Com a conclusão do curso superior de grande parte dos professores advindos das classes sociais menos prestigiadas, do seu reconhecimento perante os discentes e do Programa Nacional do livro didático, juntamente com os Parâmetros Curriculares Nacionais que tem m

admitido e incentivado o tratamento da variação lingüística em sala de aula, tem-se mudado pouco a pouco esse quadro. Todavia, ainda é comum a confusão ou até mesmo o desconhecimento de termos como norma culta x norma padrão, por grande parte dos leigos em questão e o julgamento da grande massa ainda é pautado pelos valores da tradição normativa. Espera-se, diante disso, com a chegada dos filhos dos atuais estudantes que tiveram contato com a variação linguística dentro do seu ensino curricular, mude-se a maneira de pensar e assim, a variação linguística possa sair definitivamente de dentro da academia e chegar ao seu objetivo final, a sala de aula, objetivo esse, que aos poucos vem obtendo êxito no universo escolar desse nosso grande e multifacetado país chamado Brasil.

VI. REFERÊNCIAS:

BAGNO, Marcos. *A Norma Oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

_____. *Gramática pra que te quero*. Disponível em: http://marcosbagno.com.br/site/?page_id=817> acesso em 20 de maio de 2012.

_____. *Língua moderna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2001.

_____. *Polêmica ou ignorância*. Brasília: 2011,

_____. *Português brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2002.

_____. *Preconceito lingüístico: o que é como se faz*. Editora Loyola, 1961. 12ª edição.

BARBOSA, Maria do Carmo. *A Sociolinguística E Seu Papel Metodológico No Ensino Da Linguagem Oral*. Disponível em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_7432/artigo_Sobre_a_sociolinguistica_e_seu_papel_metodologico_no_ensino_da_lingua. Acesso em 25/01/2012.

COUTO, Hildo H. *A questão do ensino*. In: O que é português brasileiro. Editora Brasiliense, 1988.

FARACO, Carlos Alberto. *Por uma pedagogia da Variação Linguística*. In: Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARIA, Tales. *Livro usado pelo MEC ensina aluno a falar errado*. Disponível em: <http://colunistas.ig.com.br/poderonline/2011/05/12/livro-usado-pelo-mec-ensina-aluno-a-falar-errado>

GERALDI, Wanderley (org.). *Subsídios à proposta curricular do ensino de São Paulo*.

GERALDI, J.W. *O Texto na Sala de Aula*. Cascavel: Assoeste. 1985

_____. *Linguagem e Ensino*. Campinas: Mercado de Letras. 1996

GNERRE, M. “*Linguagem e Poder*”. *Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa-VOL. I* 1988.

ILARI, Rodolfo. “*O papel da linguística no curso de Letras*”. In: A linguística e o ensino de Língua Portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Parâmetros Curriculares Nacionais. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> acesso em 08/03/2012.

PEREIRA Merval, O Globo, 17 de maio de 2011.

POSSENTI, Sírio. “*Gramática e política*”. In: _____. O texto na sala de aula. Cascavel: Assoeste, 1984, p. 31-39

_____, in BAGNO, Marcos. NADA NA LÍNGUA É POR ACASO. Editora parábola, 2008. 2ª edição.

RAMOS, Heloísa, ET AL. *Por uma vida melhor* in: Viver, aprender Editora Global; Volume 2

Revista Brasileira de História & Ciências Sociais - Ano I - Número I - Julho de 2009

RICARDO- Stella Maris Bortoni. *Educação em língua materna: A Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo; Parábola editorial; 2004

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. "*Problemas relativos á descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil*". In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. Edições Loyola, 2004.

ROSSI, Clóvis. Folha de S.Paulo, 15 de maio de 2011.

SOARES, M. *Linguagem e Escola*. São Paulo: Ática. 1980.

VEIGA, Pedro. *Ode a ignorância em um país de nanicos*. Disponível em:
<http://pedrodaveiga.blogspot.com/2011/05/ode-ignorancia-em-um-pais-de-nanicos.html>
acesso em 29/12/2011.

VILAÇA, Marcos. <http://www.brasiliaemdia.com.br/2011/5/20/marcos-vilaca---dois-e-dois-saocinco-8460.htm>, acesso em 28 de junho de 2011